



# INFORMATIVO

# O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

**220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.**

ANO 2021

Fevereiro

Nº 369

## **21 Fev 1945 – A FEB na Itália – 2ª GM - A CONQUISTA DE MONTE CASTELLO Cronologia**

**Luiz Ernani Caminha Giorgis**

**20 Fev 45** – Pela manhã, o Gen Mascarenhas chega a C. Gabelle, a quatro Km de Monte Castello, onde instala o seu PO para o ataque.

- Ao clarear da manhã (0530 h): conquista dos Montes Belvedere e Gorgolesco, este às 0600 h, com sérias dificuldades em face dos contra-ataques, pela 10ª DMth NA. O inimigo esgotou as suas reservas nestas ações. Para a conquista de Gorgolesco houve o concurso de CC e de Art, inclusive a do Gen Cordeiro de Farias. Às 1537 h, os NA cerram sobre a linha Cota 1053-Mazzancana-Cappela de Ronchidos. Os aviões da FAB arrasam a resistência alemã em Mazzancana, preparando a ação de ataque ao Monte Castello no dia seguinte.

- Mazzancana foi conquistada às 1700 h, o que muito facilitou o ataque brasileiro. Ficou aberta a via de acesso a Monte Castello.

- Às 1000 h começou a ação diversionária do II/11º RI (Ramagem) no chamado Corredor de Abetaia.

- Às 1530 h começaram as ações previstas na OGO nº 20/DIE, ou seja, ultrapassar os americanos em Mazzancana e partir para o objetivo nº 1: Cota 875-Fornace.

- Entre 1700 e 1800 h o I Btl (Uzeda) e o III Btl (Franklin) do 1º RI tomaram o dispositivo de ataque (Brayner, 1968, p. 354). Às 1730 h o III/1º RI desloca-se para a ZReu em Gambaiana-Le Roncole-Cá di Berto. À noite, o Cel Caiado de Castro solicita autorização para antecipar o ataque, tendo em vista a informação (falsa) de que os alemães estariam abandonando Monte Castello; não foi autorizado.

- A OPO nº 33 determina ao 1º RI a substituição da 10ª DMth às 2000 h em Mazzancana.

- O Complemento nº 4 da OGO nº 20 fixa o ataque para as 0530 h de 21 Fev (Brayner, 1968, p. 364).

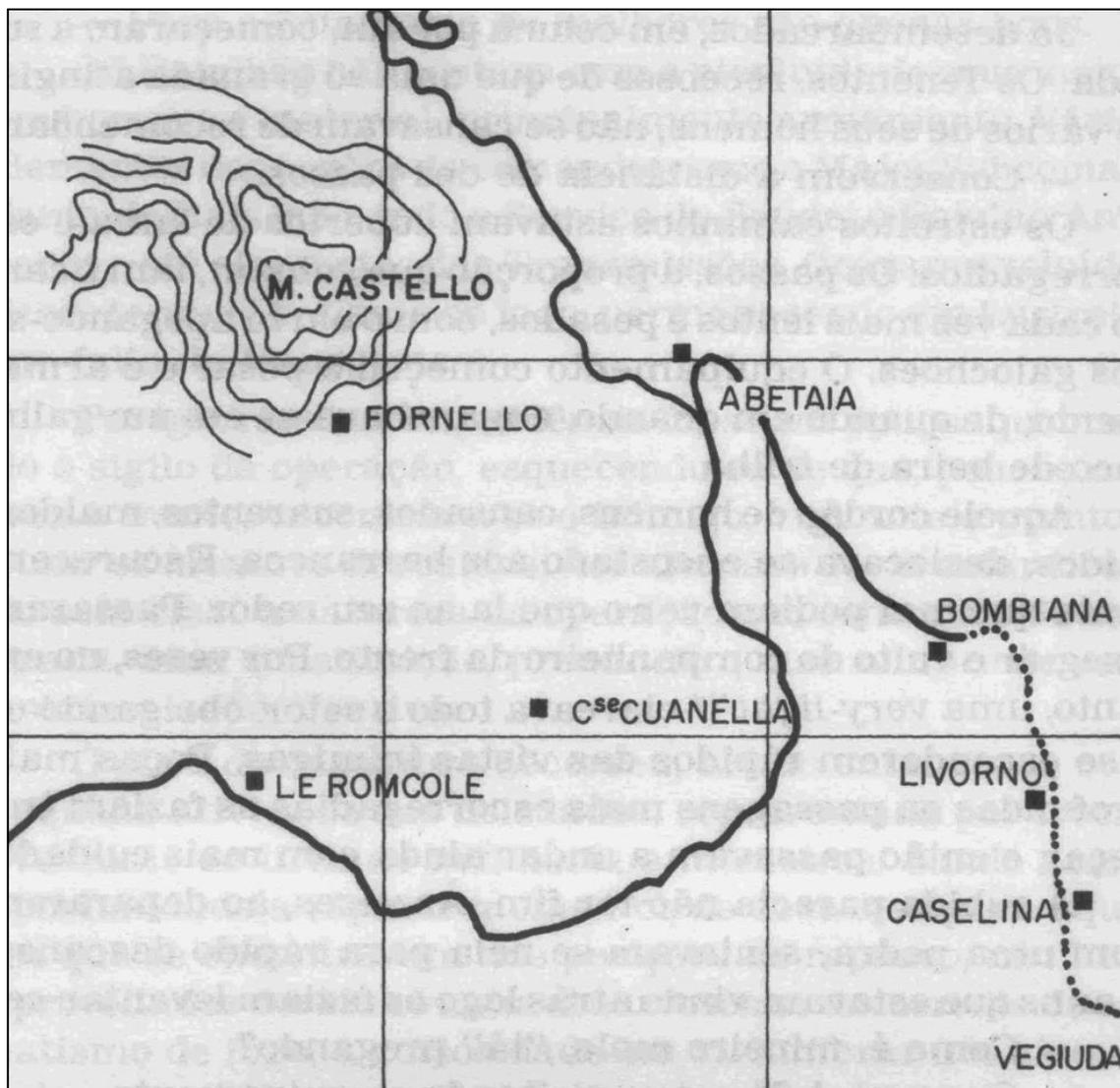
- Os batalhões do 1º escalão de ataque ocupam, de 2330 h de 20 às 0350 h de 21, as regiões de C. Vitelline, Ponto 744, Ponto 779, Ponto 718 e Fornace em preparação para o ataque do dia seguinte.
- O II/1º RI (Maj Syzeno) ocupa La Grilla.
- Morre o padre Antônio Álvares da Silva, Frei Orlando, capelão do 11º RI, em lamentável acidente de tiro protagonizado por um par-tigiani em Bombiana (Castello Branco, 1965, p. 346).
- Assume o comando de um Pel Fzo em Guanella, sopé do Monte Castello, o então Asp Francisco Mega.

**21 Fev 45** - Terceiro ataque brasileiro a Monte Castello, a partir da linha Mazzancana-Corazza-Gambaiana-Le Roncole às 0530 h. Ao mesmo tempo, os norte-americanos atacam Monte Della Torraccia.

- Conquista de Monte Castello por ação do 1º RI - Regimento Sampaio, do II/11º RI (Maj Ramagem), toda a Art/1ª DIE, duas companhias do 9º BE e do Esqd Rec. O apoio aéreo foi da FAB através do 1º Grupo de Caça sob o controle do Cel Nero Moura. Com esta conquista os brasileiros “prossequiriam pelo Norte do rio Marano até atingir a linha Roncovecchio-Seneveglio, o que assinalaria o término da 1ª fase” (Moraes, 1947, p. 136).

- Na página seguinte, o croquis da região de Monte Castello. O ataque foi conduzido da maneira, a seguir, descrita.

**Região de Monte Castello (Fonte: Almeida, 1985, p. 65)**



- A 1ª Cia do 9º Btl de Engenharia da FEB consegue levantar do terreno do ataque 169 minas de diversos tipos e 51 armadilhas diversas. A 2ª Cia apoiou o ataque do II/11º RI levantando minas e armadilhas no eixo Falfare-Abetaia e mantendo as estradas em pleno tráfego. A 3ª Cia construiu uma ponte Bailey em La Grilla e outra em Gambaiana. A Cia A do 235º Batalhão de Engenharia NA construiu uma ponte Bailey em Crociale e a 1029 Cia Tw cumpriu suas construções de pontes Bailey com extraordinária precisão. O 9º BE perdeu o Sgt Luiz Ribeiro Pires em Abetaia, heroicamente tombado (Simões, 1967, p. 115).

- Descrição do ataque:

- Ação principal: 1º RI, na direção Gaggio Montano-Monte Castello-La Serra com o ataque frontal, pelo centro, a cargo do III Btl (Maj Franklin Rodrigues de Moraes) e suas 7ª, 8ª e 9ª Cias Fzo. Pelo flanco esquerdo o I Btl (Uzeda). Este, teve a missão de conquistar Fornace. Suas Cia Fzo eram comandadas: a 1ª, pelo Cap Everaldo José da Silva; a 2ª, pelo Cap Edson Ramalho; e a 3ª, pelo Cap Yeddo Jacob Blauth. Reserva do 1º RI: II Btl - Btl Sizeno Ramos Sarmento, com as suas Cias Fzo 4ª, 5ª e 6ª.

- Ação secundária: II/11º RI. Reserva: II/1º RI. Reserva divisionária: III/11º RI.

- Às 1430 h o Btl Uzeda conquistava as cotas 930 e 875, ultrapassando as posições inimigas de Congé. Neste mesmo horário, depois de ter ficado detido em sua ZAç, o Btl Franklin conquistou Fornello. Enquanto isso, o Btl Ramagem atuava em Abetaia.

- Por volta de 1500 h uma Cia Fzo norte-americana abriu fogo por engano contra uma Cia Fzo do I/1º RI matando um soldado brasileiro.

- Às 1720 h “a defesa inimiga entrou em colapso” (Moraes, 1947, p. 141). A 10ª DMth não consegue tomar Monte della Torraccia.

- O Btl Uzeda foi o primeiro batalhão a chegar ao cume de Monte Castello às 1800 h através do Pelotão do Ten Aquino, da 1ª Cia Fzo (I Btl), juntamente com a Cia Waldir do Btl Franklin. “A conquista se efetuará pelo desbordamento” (Uzeda, 1952, p. 112).

- Imediatamente foram realizadas as operações de limpeza e o 1º RI entrou em posição defensiva. Uma parte do efetivo alemão retraiu, outra parte morreu e outra se entregou como PG.

- Conforme o Gen Ventura, as primeiras tropas a alcançar o cimo de Monte Castello às 1800 h foram uma Cia Fzo (Cap Everaldo) do I/1º RI (Btl Uzeda) e outra (Cap Paulo de Carvalho) do III/1º RI (Btl Franklin) (Pinto/Medeiros, 2003, p. 126). Morreu em combate o 1º Ten Godofredo da Cerqueira Leite, Cmt do Pel de Petrechos da 3ª Cia do I Btl do 1º RI, juntamente com seu ordenança. A 3ª Cia era comandada pelo Cap Yeddo Jacob Blauth.

- Conforme o Gen Mascarenhas, sobre Monte Castello:

“Sua captura era uma tarefa de consciência e um imperativo da dignidade militar. Essa cidadela da presumida invencibilidade alemã representava um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terras de ultramar. Constituiu o índice do valor de nossa gente” (Moraes, 1947, 142).

- Número de baixas brasileiras: 103.

- Conforme o Cel Manuel Thomaz Castello Branco (1960, p. 520)

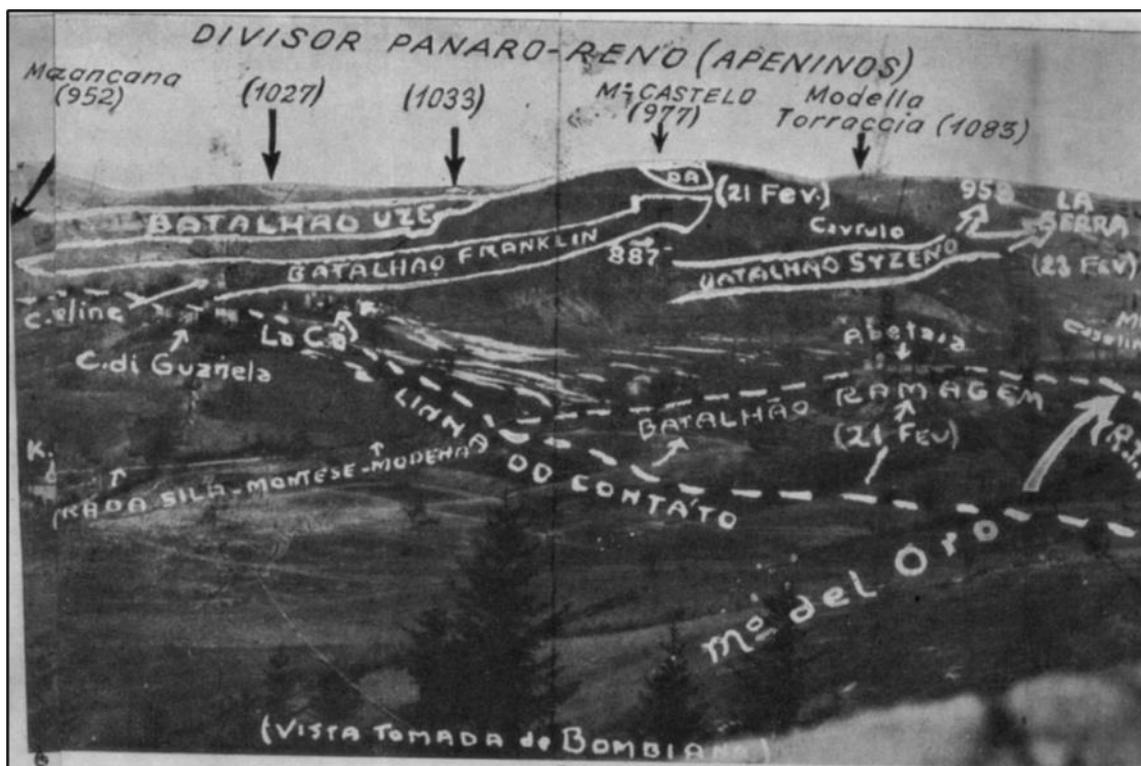
“Das poucas missões de apoio imediato cumpridas pelo 1º Grupo (de Caça), ainda nesta época, destaca-se a magnífica colaboração prestada à conquista do maciço Monte Belvedere-Monte Castello-Monte della Torraccia [...]. Lembramo-nos perfeitamente dos ataques picados realizados contra resistências inimigas na Cappella di Ronchidos [...]”.

Conforme o CPDOC/FGV,

participaram da conquista de Monte Castelo a 10ª Divisão de Montanha norte-americana, a artilharia brasileira, o 1º Regimento de Infantaria brasileiro (Regimento Sampaio), comandado pelo coronel Caiado de Castro, e a Força Aérea Brasileira. O plano da operação foi elaborado pelo tenente-coronel Humberto Castelo Branco e consistia em um ataque sob a forma de duas pinças, sendo que a da esquerda arpoaria desde o início

o flanco direito inimigo, e a da direita investiria frontalmente. Monte Castelo foi conquistado a 21 de fevereiro, seguindo-se a conquista de La Serra, na madrugada de 23 para 24, e, horas depois, a tomada de Monte della Torraccia pelos norte-americanos.

- Abaixo, a imagem da manobra Monte Castelo - La Serra.



Fonte: Carvalho, 1952, p. 112/113.

**22 Fev 45** - Por volta de 0230 h o baluarte de Abetaia era dominado pelo II/11° RI (Btl Ramagem). Os norte-americanos conseguem conquistar Monte Della Torraccia com a cooperação e o apoio de fogo da 1ª DIE. O inimigo não conseguiu contra-atacar, sendo que duas Cias do RI 1043 simplesmente debandaram em face da “superioridade material” dos NA e brasileiros (Waack, 2015, p. 233).

- Ao Btl Franklin do 1° RI é expedida a ordem de lançar Postos Avançados (PA) entre as posições conquistadas e as inimigas, ou seja, em La Serra e cota 958. Para isso, o Btl ocupa Monte della Caselina com o Pel do Ten Antonio Candido Tavares Bordeaux Rego, da 7ª Cia Fzo (Carvalho, 1952, p. 113).

- Nesta jornada, “buscando dar sepultura condigna aos nossos mortos, o Reverendo João Filson Sorén, do 1° RI, iria desvendar o impressionante quadro, macabro e heroico, dos '17 de Abetaia'” (Idem).

- O Gen Crittenberger elogia por escrito em documento oficial o Cmt e todos os oficiais e praças da 1ª DIE pela conquista do maciço Belvedere-Castello.

- Chegada a Nápoles do navio que transportou o 5º Escalão de Embarque, completando assim os 25.445 integrantes de toda a FEB. Este pessoal é transferido para Staffoli. Do total da FEB, 15 mil eram combatentes e o restante tropas de apoio logístico/administrativo e Depósito de Pessoal.

- Em todas as viagens do Brasil para a Itália os navios-transporte foram escoltados por belonaves brasileiras e norte-americanas.



## A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO

20 Fev 1827

**CONTEXTO:** Guerra da Cisplatina, entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata (PURP) - Argentina e Uruguai. Em 25 Out 1825, o Congresso das PURP decretou a incorporação da Cisplatina, declarando-a reintegrada. A Cisplatina pertencia ao Império desde 31 Jul 1821, quando foi assinado o Tratado de Incorporação da Banda Oriental ao Brasil com o nome de Província Cisplatina.

A seguir, o texto do Barão do Rio Branco sobre a batalha, constante das *Efemérides Brasileiras*, obra que deveria ser do conhecimento de todos os brasileiros, principalmente estudantes (Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, Barão do, 1845-1912. *Efemérides Brasileiras*. Brasília: Senado federal, 1990, p. 115).

Comandante brasileiro: Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira e Horta - Marquês de Barbacena. Comandante das tropas argentino-uruguayas: Carlos Maria de Alvear.

**1827** — *Batalha de Ituzaingó, também chamada do Passo do Rosário* (geralmente aparece aquela palavra escrita Ituzaingó, mas esta grafia é espanhola).

Menos de uma légua (cerca de 6,6 km) a leste do Passo do Rosário, no rio de Santa Maria, o terreno apresenta três linhas de lombadas chamadas coxilhas de Santa Rosa, quase paralelas ao rio. Essas lombadas terminam ao sul, no banhado de Ituzaingó, por onde passa a estrada de São Gabriel para o Passo do Rosário (Olmedilla, no seu mapa da América do sul, deu erradamente o nome de *Ytuzaingó* ao Ibicuí-mirim de Santana, tributário da margem esquerda do Santa Maria).

O exército argentino-oriental, comandado pelo general Carlos Maria de Alvear, ocupava as duas lombadas de oeste, mais próximas do Passo do Rosário; o brasileiro, dirigido pelo tenente-general marquês de Barbacena, que ia em marcha de São Gabriel para o Passo do Rosário, tomou posição na lombada oriental. O vale, entre essas alturas, era cortado em quase toda a sua extensão por um barranco ou sanja, que só dava fácil passagem em alguns lugares, e seguia a direção norte-sul das colinas. Foi nesse vale e sobre as duas lombadas paralelas que se deu a batalha. "A distância entre as duas posições (diz a legenda na planta desenhada pelo capitão, depois coronel, Seweloh é no alcance do calibre 6, de mais ou menos mil passos" Seweloh, *Erinnerungen na den Feldzug 1827 gegen Buenos Aires*, mss. da nossa col.).

O exército brasileiro compunha-se de 6.338 homens, assim divididos: Estado-maior, 25; infantaria, 2.294; cavalaria, 3.734; artilharia, 285; no entanto, estavam empregados na guarda e na condução do parque, hospital, bagagens e cavalaria, 469 homens (361 de cavalaria, 68 de infantaria e 40 de artilharia), doentes que haviam ficado em São Gabriel, 271 (183 de cavalaria, 83 de infantaria e cinco de artilharia) e presos, seis (quatro de cavalaria e dois de infantaria). O número de combatentes era, portanto, de 5.638 (Estado-maior, 25; escolta do general, 46 homens de cavalaria; infantaria, 2.141; cavalaria, 3.186; artilharia, 240), ou de 5.776, contando-se os empregados.

A 1ª brigada ligeira, do coronel Bento Manuel Ribeiro, não incluída nesses algarismos, compunha-se então de 1.101 homens de cavalaria, depois de reforçada com algumas companhias de guerrilhas, tiradas da 2ª brigada ligeira. Desde o dia 6 fora destacado aquele

coronel para observar a direção da marcha do inimigo, que quase todos os chefes rio-grandenses acreditavam em plena retirada. Na manhã deste dia 20, estava em frente ao Passo do Umbu, no Ibicuí do monte Grande, entre a margem esquerda deste rio e à direita do Cacique, a seis ou sete léguas (cerca de 39,6 km a 46,2 km) do campo de batalha, onde poderia ter chegado pelas 11h (mss. do barão de Caçapava), porque um dos seus piquetes avançados deu aviso, às 7h30, de que ouvia fogo de artilharia e mosquetaria na direção do Passo do Rosário, a sul-sudoeste; no entanto, Bento Manuel, em vez de procurar reunir-se ao seu general, afastou-se para leste, indo acampar à noite em frente ao Passo de São Pedro.

Na lombada de que anteriormente se fez menção, colocou-se o Exército brasileiro. À direita, ficou a divisão do general Sebastião Barreto, composta da 1ª brigada de infantaria (coronel Leitão Bandeira, 1.496 homens) e das 1ª e 2ª de cavalaria (coronel Egídio Calmon, 431 homens; e coronel Araújo Ribeiro, 466); à esquerda, a divisão do general Calado, composta da 2ª brigada de infantaria (coronel Leite Pacheco, 645 homens) e das 3ª e 4ª de cavalaria (coronel Barbosa Pita, 662 homens; e coronel Tomás da Silva, 477). Em frente da nossa esquerda, tiroteavam com a direita do inimigo um corpo de voluntários de cavalaria, comandado pelo general barão de Cerro Largo (550 homens) e a 2ª brigada ligeira (coronel Bento Gonçalves, 352 homens). A artilharia (11 peças de calibre 6 e um obus cilíndrico de seis polegadas) tinha por comandante-geral o coronel Tomé Madeira, e foi repartida em baterias, assim dispostas da direita para a esquerda: quatro baterias de duas bocas de fogo cada uma (do 1º corpo de artilharia montada do Rio de Janeiro), comandadas pelo segundo-tenente Mallet, primeiro-tenente português Pereira e capitães Correia Caldas e Lopo Botelho, com a 1ª divisão; quatro peças do 4º corpo de artilharia de posição (Santa Catarina), dirigidas pelo major Samuel da Paz, com a 2ª divisão; uma destas peças foi destacada para a frente, ficando às ordens do barão de Cerro Largo. Cada brigada compunha-se de dois ou três corpos, mas sobretudo os de cavalaria estavam tão incompletos, que nenhum deles daria a força de dois esquadrões europeus (efetivo de um regimento de cavalaria na França, tempo de paz, 866 homens, em cinco esquadrões).

Foram estes os corpos que tomaram parte na batalha: 1ª divisão (brigadeiro Sebastião Barreto): 1ª brigada de infantaria (coronel Leitão Bandeira): 3º (Rio de Janeiro, major J. Crisóstomo da Silva), 4º (Rio de Janeiro, tenente-coronel Freire de Andrade) e 27º (alemães, major L. M. de Jesus); batalhões de caçadores; 1ª brigada de cavalaria (coronel Egídio Calmon): 1º regimento de cavalaria (Rio de Janeiro, tenente-coronel Sousa da Silveira) e 24º de milícias (guaranis de Missões, major Severino de Abreu); 2ª brigada de cavalaria (coronel Araújo Barreto): 4º regimento de cavalaria (Rio Grande do Sul, tenente-coronel M. Barreto Pereira Pinto), esquadrão de lanceiros imperiais (alemães, capitão von Quast) e 40º regimento de milícias de Santana do Livramento, chamado regimento de Lunarejo, tenente-coronel José Rodrigues Barbosa); 2ª divisão (brigadeiro Calado): 2ª brigada de infantaria (coronel Leite Pacheco); 13º (Bahia, tenente-coronel Morais Cid) e 18º (Pernambuco, coronel Lamenha Lins) batalhões de caçadores; 3ª brigada de cavalaria (coronel Barbosa Pita); 6º regimento de cavalaria (Rio Grande do Sul, major Bernardo Joaquim Correia), esquadrão da Bahia (major Pinto Garcez) e 20º regimento de milícias (Porto Alegre, coronel J. J. da Silva); 4ª brigada de cavalaria (coronel Tomás da Silva); 3º (São Paulo, tenente-coronel Xavier de Sousa) e 5º regimento de cavalaria (Rio Grande do Sul, tenente-coronel Filipe Néri de Oliveira); 2ª

brigada ligeira (coronel Bento Gonçalves); 21º (vila do Rio Grande, major M. Soares da Silva) e 39º (vila de Cerro Largo, tenente-coronel Isás Calderón) regimento de milícias.

O corpo comandado pelo marechal de campo barão de Cerro Largo compunha-se de voluntários, em grande parte desertores indultados. A força que guardava as bagagens, comissariado e hospital, sob o comando do coronel Jerônimo Gomes Jardim, constava de 127 lanceiros do Uruguai (guaranis de Missões) e de destacamentos de vários corpos. Era chefe de Estado-maior o marechal de campo Gustavo Brown, ajudante general o brigadeiro Soares de Andrea (depois barão de Caçapava) e quartel-mestre general o tenente-coronel Antônio Elisiário de Miranda e Brito.

O Exército da República das Províncias Unidas do Rio da Prata (hoje República Argentina) compunha-se de 7.644 homens de cavalaria, de 1.674 de infantaria e de 485 de artilharia, com 18 peças. Total de 9.803 homens. Tinha, portanto, força quase dupla do brasileiro e era-lhe muito superior em cavalaria (nesta arma, a sua força era três vezes superior à nossa). Além dessa vantagem, tinha a de estar descansado no campo de batalha que escolhera, ao passo que o nosso exército, avançando a marchas forçadas, caminhava desde 1h, quando às 6 h o encontrou, e assim teve de entrar em ação. A direita do exército inimigo, comandada pelo general Lavalleja, compunha-se de 4.545 homens de cavalaria, sendo 3.255 orientais (9º regimento, dragões orientais, dragões libertadores, milícias de Maldonado, Paissandu, Pando, Colônia e Mercedes e esquadrão de São José) e 1.290 argentinos (8º e 16º regimentos, ambos de lanceiros e esquadrões de couraceiros). Essas forças eram comandadas segundo a ordem em que vão aqui mencionadas: as orientais pelos coronéis Manuel Oribe e Servando Gómez, pelo tenente-coronel Inácio Oribe, pelo coronel Leonardo Oliveira, pelos tenentes-coronéis Raña e Burgueño, pelo coronel Arenas e pelo tenente-coronel Adriano Medina; as argentinas, pelos coronéis Juan Zufriátegui e J. Olavarria e pelo tenente-coronel Anacleto Medina.

No centro, comandado pelo general Soler, estavam 3.949 homens das três armas: 1º (Buenos Aires, coronel M. Correia), 3º (Entre Rios, coronel E. Garzón), 2º (orientais, coronel Alegre) e 5º (Salta e Jujui, coronel Felix Olazabal) batalhões de caçadores (força dos quatro batalhões, 1.674 homens), o regimento de artilharia ligeira (Buenos Aires, 485 homens, coronel T. Iriarte), e, em segunda linha, a reserva de cavalaria (1.790 homens), composta dos 1º (províncias de Suyo e Córdoba, general Frederico Brandzen), 2º (coronel J. M. Paz) e 3º (Buenos Aires, coronel Ángel Pacheco) regimentos.

A esquerda, comandada pelo general Julián Laguna, era formada apenas pela brigada de cavalaria do coronel Lavalle (1.309 homens), composta do seu regimento, que era o 4º (Buenos Aires, couraceiros), do de Colorados de Conchas (província de Buenos Aires, coronel Vilela) e do esquadrão alemão (coronel barão Heine). No Exército argentino, as divisões eram chamadas corpos de exército e as brigadas tinham o nome de divisões. Era chefe do Estado-maior o general Lucio Mancilla, e do corpo de engenheiros o coronel Trolle, francês.

Na sua *Exposición* (Buenos Aires, 1827) defendendo-se das censuras contidas na mensagem do governo, Alvear diz que só tinha nesta campanha 6.200 homens, mas é porque não inclui naquele algarismo os orientais do general Lavalleja. Ao passo que assim diminui as suas forças, exagera as nossas, elevando-as a 10 mil homens (Lavalleja calculou-os em oito mil, carta de 22 de fevereiro, guardada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Os mapas oficiais brasileiros, remetidos ao Ministério da Guerra antes e depois da batalha, e os mapas argentinos que caíram em nosso poder (um deles assinado por Ger. Espejo) dão algarismos muito diferentes dos que apresentou Alvear em sua defesa.

Às 7h30 começou o fogo de artilharia. Pouco depois, por ter os cavalos cansados, segundo disse, o coronel Bento Gonçalves deixou a posição, que ocupava no vale, ao lado do barão de Cerro Largo, e foi postar-se na extrema direita da nossa linha.

O marquês de Barbacena, de acordo com o general Brown, resolveu tomar a ofensiva, e este levou ao ataque do centro inimigo a 1ª divisão. Começaram então as cargas de cavalaria. A pequena brigada do coronel Miguel Pereira de Araújo Barreto repeliu e perseguiu na direita os Colorados de Conchas, distinguindo-se muito nesta carga o 40º de milícias, do tenente-coronel José Rodrigues Barbosa; na esquerda, os voluntários do barão de Cerro Largo, apoiados pela brigada Barbosa Pita, destroçaram uma coluna de cavalaria de que fazia parte o 9º regimento, de Manuel Oribe, o qual, indignado contra os seus soldados, "arrancou bruscamente suas dragonas de coronel, exclamando: "Quem comanda soldados que fogem, não é digno de portar essas insígnias!" (Berro, *Bosquejo histórico de la República Oriental*, 1ª ed. p. 131). O 8º regimento argentino (lanceiros, coronel Zufriátegui), encarregado por Lavalleja de um ataque de flanco sobre os voluntários do barão de Cerro Largo, "em lugar dessa evolução, fez a de dar as costas" (carta de Lavalleja, anteriormente citada).

A brigada de infantaria do coronel Leitão Bandeira avançava ("de um modo formidável", diz boletim argentino) sobre o centro inimigo. Alvear enviou contra esses três batalhões o general Brandzen, francês de nascimento, veterano das Guerras de Napoleão e da independência (era coronel no exército argentino e general peruano). Brandzen, com o 1º regimento (680 homens), lançou-se contra o quadrado do 4º de caçadores; os coronéis Paz (2º regimento, 540 homens) e Pacheco (3º regimento, 564 homens) contra os dos 3º e 27º. Essa carga foi repelida com grande perda do inimigo, caindo mortos, junto aos nossos quadrados, o general Brandzen e o tenente-coronel Bezares (do 2º regimento).

A brigada de Araújo Barreto, levando à sua frente o general Sebastião Barreto, perseguiu os fugitivos. O 1º regimento argentino teve 14 oficiais e 200 soldados fora de combate (Wright, *Biogr. de Brandzen*). Isto se passava às 11 h. Pouco depois, na nossa esquerda, os dragões orientais (coronel Servando Gómez) e o esquadrão de couraceiros (tenente-coronel Anacleto Medina) atacavam de flanco e destroçavam o corpo de voluntários do barão de Cerro Largo, que, envolvido com o inimigo, correu sobre os 13º e 18º batalhões de caçadores. O general Calado formou com estes um só quadrado e viu-se forçado a fazer fogo sobre amigos e inimigos. Aí caiu mortalmente o barão de Cerro Largo. As brigadas de cavalaria Barbosa Pita e Tomás da Silva perseguiram o inimigo em sua retirada. Os voluntários dispersos foram levar a notícia do seu revés à guarda da bagagem. Já então numerosos esquadrões inimigos apareciam nos dois flancos do nosso exército, dirigindo-se para a retaguarda. "Os fugitivos do barão de Cerro Largo, os lanceiros do Uruguai (guaranis) e o inimigo, todos à mistura, caíram sobre a bagagem e o parque e tudo roubaram, levando depois o inimigo as carretas de bagagem e o parque para dentro de um banhado" (barão de Caçapava, *Batalha do Rosário*, mss.).

As duas brigadas de infantaria continuavam a repelir as cargas de cavalaria inimiga. Quatro peças que havíamos perdido (uma delas na derrota do corpo de voluntários, três na carga dos lanceiros do coronel Olavarria) foram logo retomadas pelo 5º regimento (tenente-coronel

Filipe Néri) e pelo 20º de milícias (coronel J. J. da Silva). Às 12h30, o coronel Lavalley, à frente do 4º regimento (couraceiros), dos Colorados de Conchas e do esquadrão alemão (1.300 homens), caiu sobre a brigada Egídio Calmon, composta do 1º regimento de 1ª linha (297 homens) e do 24º de milícias (134 homens, quase todos guaranis). Este último, morto o comandante, foi lançado fora do campo de batalha; no entanto, o primeiro bateu-se à espada, até ser socorrido, merecendo neste combate os elogios de todos os seus chefes o major Cabral, depois barão de Itapagipe. "Maravilhou-me [disse o maior herói desse dia] a resignação, a bravura e o brio dos que compunham o galhardo 1o regimento de cavalaria da corte; poucos voltaram do combate, porém um só não voltou a cara ao inimigo." (*O marechal Leitão Bandeira a seus caros filhos*, Niterói, 1854, p. 5). O general Sebastião Barreto, com a 2ª brigada de cavalaria e o 21º de milícias, a cuja frente ia o coronel Bento Gonçalves, acudiu aos restos do 1º regimento e perseguiu o inimigo até o alto de suas posições. O 39º de milícias (tenente-coronel Calderón), que fazia parte da brigada de Bento Gonçalves, já tinha abandonado o campo de batalha: segundo alguns, porque fora cortado; segundo o barão de Caçapava e Elisiário Brito, porque aquele coronel ordenara a Calderón que seguisse para o Jaguarão.

Bento Gonçalves e Bento Manuel já eram por esse tempo caudilhos influentes no Rio Grande do Sul, e o governo e os generais fechavam os olhos aos seus atos de indisciplina. A última carga da cavalaria argentina contra a da nossa 1ª divisão foi comandada pelo coronel Paz, que nela sofreu grandes perdas e foi repellido (o boletim argentino diz o contrário, mas o general La Madrid confirma as descrições brasileiras, em suas *Observaciones sobre las Memorias Póstumas del general Paz*, p. 256: "A carga comandada pelo general Paz nesta batalha foi rechaçada e ele se viu obrigado a retirar-se a uma longa distância.").

Com o destroço do corpo de voluntários e do 24º de milícias, a retirada do 39º e as grandes perdas sofridas pelo 1º regimento, estando perdidos os carros de munições e tendo a cavalaria inimiga incendiado o campo em nossa retaguarda, o marquês de Barbacena ordenou, às 13 h, que a 1ª divisão voltasse do vale, onde se achava, para a posição que ocupava primitivamente. O fogo continuou frouxo, conservando-se o inimigo em suas posições, porque a sua cavalaria muito sofrera nas cargas sucessivas. O comandante geral da nossa artilharia, segundo o testemunho do general em chefe e do Estado-maior, perdera no fim da batalha toda a presença de espírito. O mesmo sucedeu ao comandante da artilharia argentina, que, "[...] quando viu a dispersão dos orientais e que, perseguidos pela cavalaria imperial, caíam sobre a bateria, montou a cavalo e se colocou a salvo até o fim da ação" (ver *El Liberal*, de Buenos Aires, nos 46 e 51, de 25 de abril e de 13 de maio de 1828). Feridos dois comandantes de baterias na nossa direita, coube a um jovem oficial, o segundo-tenente Emílio Mallet (depois general e barão de Itapevi), a honra de comandar desse lado a nossa artilharia. Às 14h, não havia mais que 8 ou 12 cartuchos por patrona ou cofre de artilharia, e os dois exércitos continuavam imóveis, cada um na posição que ocupava ao começar a batalha.

O marquês de Barbacena fez soar então o toque de retirada. "O inimigo, apesar de ter quase o dobro das nossas forças, não nos levou fora do campo de batalha, senão porque nos faltaram as munições..." (informações de 29 de outubro de 1874, do general E. L. Mallet ao visconde do Rio Branco, mss.). "Marchou então o exército com a direita em frente, já reduzido a cerca de 4.700 praças, segundo a minha lembrança, repelindo atiradores e cargas de cavalaria, com verdadeira disciplina, sangue frio não vulgar e valor, poupando as munições,

não dando tiro sem emprego; e, porque os cavalos e parelhas, e mesmo a tropa carecia de algum repouso, fez alto; puseram-se as competentes linhas de atiradores onde convinha, tiraram-se os freios aos cavalos e muares para pastarem sobre os cabrestos, e, passadas mais de duas horas, continuou a marcha, deixando o inimigo, mal que anoiteceu, de acompanhar o Exército imperial" (general Elisiário Brito, *A batalha do campo do Rosário*, mss.).

"Esta retirada foi executada à custa de muitos esforços, na maior ordem, mostrando os soldados grande serenidade e sangue frio, como eu nunca esperava ver no Brasil; e, se o exército de Buenos Aires era muito superior em patriotismo, tática, organização e força numérica, nós não nos mostramos inferiores na brilhante disposição da nossa retirada, para o que muito concorreu a calma e inexcedível coragem do general em chefe"(Seweloh, *Erinnerungen*, p. 3 do fol. 16).

"O inimigo incendiou o campo por onde tínhamos de marchar. Uma forte coluna de cavalaria veio corta-nos o passo, e uma voz forte e sonora, a sua frente, gritou: 'Viva a Pátria!' Este brado foi logo respondido com o grito geral de 'Viva o imperador!', e com um marche-marche tão cheio de furor, que o inimigo deu costas e foi buscar longe o abrigo de outras forças (barão de Caçapava, mss. cit.).

O Exército brasileiro acampou, à meia-noite, no Passo do Cacequi, conduzindo toda a sua artilharia, menos uma peça, que foi abandonada durante a marcha, por ter as rodas quebradas; no dia seguinte (21), prosseguiu a retirada para o Passo de São Lourenço, no Jacuí, onde chegou a 2 de março, ficando em São Sepé parte da cavalaria, com o general Barreto. O Exército argentino não incomodou essa retirada e na mesma tarde de 20 contramarchou, indo acampar no Passo do Rosário, onde deixava suas bagagens; apenas o general Lavalleja, com dois mil homens de cavalaria, acompanhou de longe o nosso exército, até as 18h30, sem disparar um tiro.

O boletim no 5, de Alvear, diz que "uma grande parte da cavalaria continuou na perseguição do inimigo até meia-noite" e que "o resto do exército acampou sobre umas elevações (isletas) próximas a Cacequi". O general Luís Manuel de Lima e Silva (*Campanhas de 1825 a 1828*, mss.), por informações de moradores do Passo do Rosário, desmente essas inexatidões do boletim; porém, há testemunho mais insuspeito ainda, o do general argentino Paz, que, em carta de 26 de maio de 1828, escreveu o seguinte: "Enchi-me de profundo pesar, quando, na tarde da batalha, marchamos de volta ao Passo do Rosário e permanecemos na maior parte de 21... No dia 22, à meia-noite, chegamos a Cacequi" (*Papeles vários sobre Buenos Aires*, vols. de 1811-1835, no 78, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

O Exército argentino entrou em São Gabriel no dia 26 e aí descansou três dias. No 1º de março começou a sua retirada para Corrales, território da atual República do Uruguai.

A nossa perda na batalha, segundo a relação oficial, foi de 172 mortos (general barão do Cerro Largo; majores Severino de Abreu, comandante do 24º de cavalaria, e Bento José Galamba, fiscal do 4º de caçadores; quatro capitães, três tenentes, um ajudante, três alferes, um cirurgião e 157 inferiores e soldados), 91 feridos, que acompanharam o exército em sua retirada (general Gustavo Brown, levemente; tenentes-coronéis Lamenha Lins, comandante do 18º de caçadores, Freire de Andrade, do 4º, e Albano de Oliveira Bueno, de milícias; três capitães, três tenentes, um ajudante, três alferes e 77 inferiores e soldados) e 74 prisioneiros, quase todos feridos (dois cirurgiões-mores, um capitão de artilharia, um primeiro-tenente de artilharia, um alferes de cavalaria e 69 inferiores e soldados). Total de

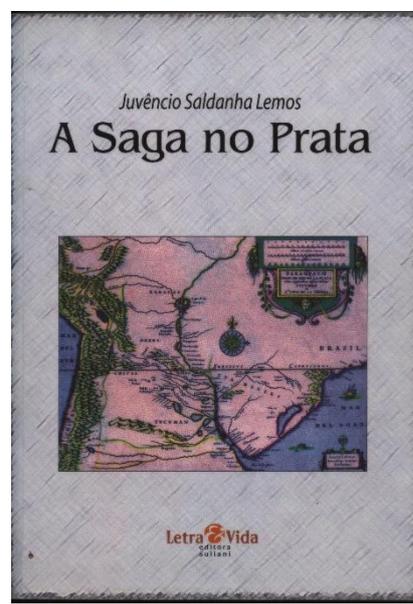
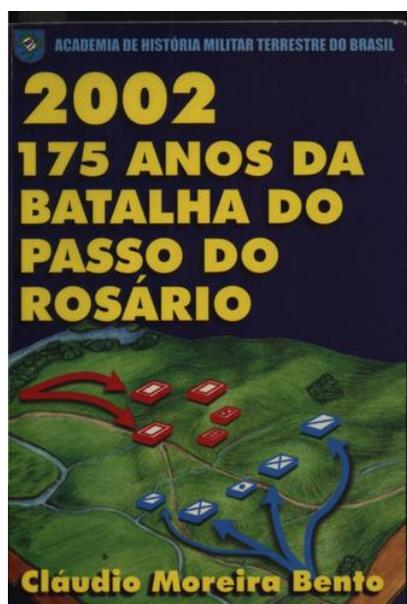
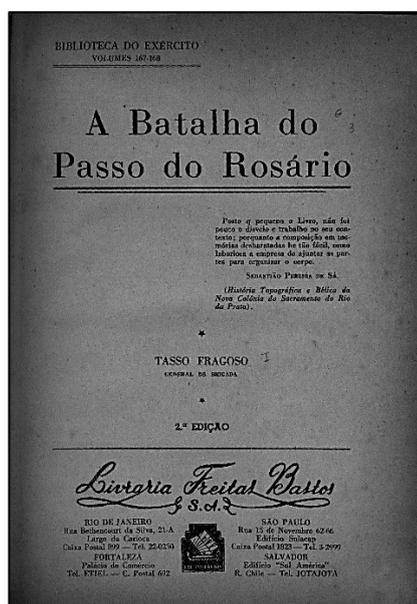
347 homens. No entanto, como nesses algarismos não se compreende a perda que tiveram o corpo de voluntários, o 24º e o 39º de milícias e a guarda da bagagem, pode-se calcular que houve uns 200 mortos, 150 prisioneiros ou feridos deixados no campo, 91 feridos que acompanharam o exército, e 800 dispersos ou extraviados, entre os quais os doentes que estavam no hospital. Com os extraviados, tivemos fora de combate 1.300 homens, pois o exército se retirou com 4.700 combatentes.

O Exército argentino propriamente dito teve 147 mortos (general Brandzen, tenente-coronel Bezares, 16 capitães e subalternos) e 231 feridos (23 oficiais, entre os quais o coronel Olavarria e outro chefe); a cavalaria oriental teve 64 mortos (nove oficiais, sendo um deles o major Berro) e cem feridos (10 oficiais, entrando nesse número o coronel Leonardo Oliveira e o tenente-coronel Adriano Medina). Total de 211 mortos (um general, dois chefes e 24 outros oficiais) e 331 feridos (quatro chefes e 29 capitães e subalternos), ou seja, 542 homens fora de combate.

Tanto o ofício dirigido por Alvear ao ministro da Guerra quanto o boletim nº 5, assinado pelo seu chefe do Estado-maior, dizem que foram tomadas aos brasileiros duas bandeiras e 10 peças de artilharia. Durante a batalha, apenas os cinco batalhões de caçadores levaram suas bandeiras, e nenhuma delas se perdeu: os quadrados da nossa infantaria repeliram todas as cargas do inimigo. Os corpos de cavalaria, porém, entraram em combate sem os seus estandartes, depositados em São Gabriel na bagagem, e foi em alguma das carretas da retaguarda que o inimigo encontrou as duas insígnias, a que se referem os citados documentos. Quanto à artilharia, a declaração dos dois generais foi uma inqualificável invenção. Todos os ofícios escritos pelos generais e chefes brasileiros logo depois da batalha, todas as descrições escritas mais tarde por brasileiros (generais L. M. de Lima e Silva, barão de Caçapava, Elisiário Brito e Emílio Mallet, *in mss.* da nossa col.) e por oficiais estrangeiros ao nosso serviço são acordes em declarar que apenas abandonamos na retirada *uma peça*, que não podia ser conduzida. Como o testemunho dos oficiais estrangeiros que estiveram na batalha será considerado mais imparcial e verídico, transcreveremos aqui o que eles dizem sobre esta questão da artilharia. O capitão Seweloh (depois coronel) afirma que apenas uma peça foi abandonada: "Encravamos e abandonamos *uma peça*, cujas rodas se quebraram." E, tratando da marcha do dia 21, acrescenta: "Os 11 *canhões* eram puxados pelos restos do 24º de cavalaria, por meio de laços, para ajudar as mulas" (*Erinnerungen*, *mss.* já cit., p. 3 do fol. 16 e 1a do fol. 21; deste *mss.*, foi publicada uma tradução no t. XXXVII da *Revista do Instituto*, mas sem as numerosas plantas do original que possuímos). O autor anônimo dos *Beitrag zur Geschichte des Krieges Zwischen Brasilien und Buenos Ayres in den Jahren 1825-1828 von einem Augenzeugen* (atribui-se este trabalho ao capitão barão Carl de Leenhof), analisa a parte oficial do general argentino: "Alvear diz, na sua participação muito lacônica de 21 de fevereiro: 'o exercito republicano encontrou-se com o imperial no campo de Ituzaingo; este último teria 8.500 homens e combateu por seis horas; deixou, no campo de batalha, 1.200 cadáveres e 10 canhões; a nossa perda não chega a 400 homens.'" É possível que 1.200 mortos e feridos tenham ficado no campo de batalha, mas não 1.200 mortos somente, e naquele número de mortos e feridos devem estar compreendidas as perdas dos dois exércitos... Quanto aos 10 canhões tomados, este algarismo resulta de algum engano de copista, ou de um desses erros intencionais dos que, redigindo boletins, não consideram caso de consciência um zero de mais ou de menos, pois na verdade apenas *uma peça* não pode seguir

a retirada, pelo mau estado do seu reparo: não foi, portanto, tomada pelo inimigo, mas caiu em seu poder (p. 234, *in fine*). O tenente Carl Seidler (*Zehn Jahre in Brasilien*, p. 154, v. I) diz: "Os soldados, ainda que mortos de cansaço, puxavam 11 canhões... Apenas um canhão, cujas rodas se quebraram, caiu em poder do inimigo. Este foi o seu único troféu da jornada..." Porém, há documento ainda mais importante e decisivo. É uma carta autógrafa do general Lavalleja, datada de 26 de março, na qual se lê o trecho seguinte: "Disse, na minha anterior, que cinco peças de artilharia haviam sido tomadas ao inimigo, mas essa notícia foi pela relação que me fez o general no dia seguinte à ação (no mesmo dia 21, anunciava a seu governo a tomada de 10 peças, e a Lavalleja a tomada de cinco). É verdade que em várias cargas deixamos à nossa retaguarda peças de artilharia, mas provavelmente os inimigos devem ter voltado a tomá-las, porque não aparece mais que uma" (*Memória da expedição do general Lavalleja*, autógrafos da col. Angelis, guardada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Principais referências da Batalha do Passo do Rosário:



O editor: na próxima edição de O Tuiuti será publicada a versão do Cel Juvêncio Saldanha Lemos sobre a batalha (p. 661 de A Saga no Prata). Não foi nesta edição por falta de espaço.

**EDITOR:**

**LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, CEL PRESIDENTE DA AHIMTB/RS  
(LECAMINHA@GMAIL.COM)**

**SITES: WWW.AHIMTB.ORG.BR E WWW.ACADHISTORIA.COM.BR**

**SITE DO NÚCLEO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS/CMS: WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR**

**SITE DO NÚCLEO MILITAR DE GRAMADO: WWW.NUCLEV.COM**

**BLOG DA DELEGACIA DA FAHIMTB/RS EM RECIFE, PE – DELEGACIA HERÓIS DE  
GUARARAPES:**

**HTTP://HISTORIA-PATRIOTA.BLOGSPOT.COM/**